

**PERFIL DA VITIMIZAÇÃO SEXUAL DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES, SEGUNDO
DESCRIÇÃO DE CASOS POR ALUNOS E PROFESSORES DE ESCOLAS PÚBLICAS^a**

Maria Conceição O. Costa^b
Marcos Antonio O. Santana^c
Rosely C. de Carvalho^d
Karine Emanuelle P. de Souza^e
Nilma Lázara de A. Cruz^f
Mariana Rocha Silva^g
Mona Lisa C. A. da Silva^g

Resumo

O objetivo deste artigo é traçar perfil da vitimização sexual de crianças e adolescentes, segundo descrição de casos por alunos e professores de escolas públicas. Trata-se de estudo transversal, envolvendo alunos (14 a 19 anos), ambos os sexos e professores da Rede/Feira de Santana, 2006. A amostragem foi por conglomerado (estágios múltiplos), selecionando-se aleatoriamente escolas de diferentes portes (10), alunos (732) e professores (88), respeitando proporcionalidade e representatividade (42 escolas); utilizou-se instrumento autoaplicável e sigiloso. Os resultados mostraram que alunos de ambos os sexos e faixas etárias citaram maiores proporções de estupro; identificaram-se casos ocorridos no domicílio ou comunidade, divulgados e denunciados pela mãe; perpetrado pelo pai e a maioria das vítimas estava na faixa de 12 a 16 anos; a proporção de vitimização também na infância (acima de 30%) foi alta; alunos mais jovens descreveram maiores proporções de agressores desconhecidos e ocorrências na comunidade; a pedofilia foi citada por mais de 20% do sexo masculino e da faixa de 17 a 19 anos. Professores descreveram estupros ocorridos no domicílio, denunciados pelas mães, perpetrados pelos pais, usando intimidação verbal e outras. Concluiu-se que a proximidade da escola com a violência infanto-juvenil fazendo parte do cotidiano das famílias e grupos aponta necessidade de práticas, destacando sensibilização para a identificação e notificação de casos.

Palavras-chave: Violência sexual. Infância. Adolescência. Escola.

^a Projeto financiado pela CAPES e CNPq.

^b Professora Titular. Departamento de Saúde (DSAU/UEFS). Pós-Doutorado pela Université du Québec à Montréal (UQAM). Coordenadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas na Infância e Adolescência (NNEPA), Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). costamco@hotmail.com

^c Mestre do PPGSC/UEFS. Assistente de pesquisa NNEPA/UEFS. maos64@ig.com.br.

^d Prof^a. Adjunta – DSAU/UEFS. Doutorado/USP. Pesquisadora NNEPA/UEFS.

^e Prof^a. Auxiliar – DSAU/UEFS. Pesquisadora NNEPA/UEFS.

^f Prof^a. Assistente – DSAU/UEFS. Mestre/PPGSC. Pesquisador NNEPA/UEFS.

^g Alunas de Iniciação Científica UEFS/NNEPA.

Endereço para correspondência: Maria Conceição O. Costa. Avenida Euclides da Cunha 475, Apt^o 1602, Graça, Salvador, Bahia. CEP: 40150-120. costamco@hotmail.com

PROFILE OF SEXUAL VICTIMIZATION OF CHILDREN AND ADOLESCENTS,
ACCORDING TO A DESCRIPTION OF CASES BY STUDENTS AND TEACHERS
OF PUBLIC SCHOOLS

Abstract

The study aims to analyze the profile of the sexual victimization of children and adolescents according to the description of cases by students and teachers of public schools. It is a trans-sectional study, involving students and teachers of the Feira de Santana System Education, in 2006. The sampling was by conglomerate, multiple stages, selecting schools, students and teachers at random, taking into account proportionality and representation. Of the 42 schools, 10 of different sizes were chosen, totaling 840 students and 147 teachers. The data collection was carried out through a self-applying and confidential instrument. Prevalence (P) and Prevalence Ratio (PR) were calculated for association among variables. About 25% of students and 25% of teachers were aware of cases of victimization. The PR showed significant association between students of the female gender and description of victimization (1.53 times), in the form of rape (2.28 times), victims 10 to 16 years of age (1.75 times), occurring at home (2.40 times), the father as aggressor (1.80 times), use of physical force (2.13 times) and the mother as denouncer (2.97 times). The teachers described cases of rape and incest, with verbal threat, occurrence at home and community with the father as aggressor. It was concluded that the school can contribute to identify, denounce cases and develop preventive activities, considering the school to be a favored space for the interruption of the violence cycle.

Key words: Sexual violence. Childhood and adolescence. School.

PERFIL DE LA VICTIMIZACIÓN SEXUAL DE NIÑOS Y ADOLESCENTES, SEGÚN
DESCRIPCIÓN DE CASOS POR ALUMNOS Y PROFESORES DE ESCUELAS PÚBLICAS

Resumen

El objetivo de este estudio es analizar el perfil de la victimización sexual de niños y adolescentes, según la descripción de casos por alumnos y profesores de escuelas públicas. Se trata de un estudio de corte transversal, comportando alumnos y profesores de la Red de Enseñanza de Feira de Santana, en 2006. La muestra fue por conglomerado, niveles múltiples, seleccionando aleatoriamente escuelas, alumnos y profesores, respetando la proporcionalidad y la representatividad. De las 42 escuelas, se sortearon 10 de diferentes portes, totalizando 870 alumnos y 147 profesores. En la recolección de datos, se utilizó instrumento autoaplicable y sigiloso. Fueron calculadas Prevalencia (P) y Razón de Prevalencia (RP) para la asociación entre variables. Alumnos y profesores (25%) conocían casos de victimización. Las RP apuntaron asociación significativa entre alumnos del sexo femenino y descripción de la victimización (1,53 veces): en la forma de estupro (2,28 veces); víctimas de 10 a 16 años (1,75 veces); en el domicilio

(2,40 veces); el padre como agresor (1,80 veces); uso de la fuerza física (2,13 veces); y la madre como denunciante (2,97 veces). Profesores describieron casos de estupro e incesto, con amenaza verbal, en el domicilio y en la comunidad, teniendo el padre como agresor. Se concluye que la escuela puede contribuir, identificando y denunciando casos, así como, desarrollando actividades preventivas, considerando que es espacio privilegiado para la interrupción del ciclo de la violencia.

Palabras-clave: Violencia sexual. Infancia y adolescencia. Escuela.

INTRODUÇÃO

A violência sexual representa um fenômeno mundial, complexo e multifacetado, inserido num contexto histórico-social, que atinge todas as faixas etárias, classes e ambos os sexos. Na análise do espaço doméstico ou de relações interpessoais da violência sexual, as questões de gênero e a faixa etária são determinantes de grande importância, considerando as regras de autoridade e comportamento social estabelecidas.¹⁻³

Na base jurídica brasileira ainda não existe uma legislação específica para tratar dos crimes envolvendo a violência sexual, como tráfico, exploração comercial e abuso de crianças e adolescentes.^{4,5} Pautados na Constituição Federal de 1988, no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Lei 8.069, e Convenção Internacional dos Direitos da Criança, de 1989, a sociedade brasileira vem sendo mobilizada através do poder público e de entidades nacionais e internacionais para o enfrentamento da violência sexual infanto-juvenil.^{6,7}

Em 2000, o Conselho Nacional de Direitos da Criança e Adolescente (CONANDA) aprovou o Plano Nacional do Enfrentamento da Violência Sexual Infanto-Juvenil, a ser gerenciado pela Secretaria Nacional de Direitos Humanos (SEDH). Em 2002, foi implementado o Programa Nacional de Ações Integradas e Referenciais para Enfrentamento da Violência Sexual em Território Brasileiro (PAIR), pelos governos estaduais, municipais e sociedade civil organizada. Em 2003, Feira de Santana integrou-se ao PAIR nacional, assinou o Pacto de Adesão e estabeleceu parceria com diversos segmentos, entre eles a Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), por meio do Núcleo de Estudos e Pesquisas na Infância e Adolescência (NNEPA). Foi assim iniciado o processo de sistematização e análise dos dados das violências segundo os registros nas instâncias de referência (Conselho Tutelar e Programa Sentinela).⁸ Os resultados mostraram subnotificação da violência sexual, considerando que pesquisas apontavam Feira de Santana como um município de risco para a vitimização de crianças e adolescentes.⁹

No que diz respeito à participação dos diversos segmentos no enfrentamento da violência infanto-juvenil, cabe ressaltar o papel da escola como instância social educativa, espaço de cidadania, referência para valores sociais, culturais e éticos, desempenhando papel

de protagonista na prevenção primária e secundária aos agravos. A prevenção primária permite que a escola implemente ações específicas, disseminando informações e atividades educativas, desmistificando o tema quanto ao ciclo de perpetuação da violência e o pacto de silêncio pelos membros da família, assim como permite a integração da temática aos conteúdos das disciplinas do currículo básico. A prevenção secundária possibilita que a escola contribua para que a violência não se repita ou se perpetue, por meio da identificação e encaminhamento dos casos para notificação nas instâncias de garantias de direitos, segundo orientação da Organização Mundial de Saúde (OMS), para crianças e adolescentes em situação de risco.¹⁰

O presente estudo tem como objetivo traçar o perfil da vitimização sexual de crianças e adolescentes, segundo descrição de casos por alunos adolescentes de ambos os sexos e professores das escolas públicas de Feira de Santana, Bahia.

MATERIAL E MÉTODOS

Estudo de corte transversal, com amostra aleatória, estratificada por conglomerado e por estágios múltiplos, realizado com professores e alunos adolescentes das escolas públicas estaduais de Feira de Santana (BA), em 2006. No processo de amostragem foram consideradas as escolas de ensino médio, especiais, pré-escolas e ensino fundamental, resultando em 42 escolas distribuídas em cinco áreas de abrangência do município. Do universo de 38.352 alunos e de 1.348 professores foram selecionadas amostras representativas de alunos adolescentes na faixa etária de 10 a 19 anos e professores da rede pública estadual, conforme critérios da Secretaria de Educação do Município. O procedimento de amostragem foi realizado em dois estágios. No primeiro, foram selecionadas as escolas, unidades primárias (UP) e no segundo os alunos/professores, unidades secundárias (US), respeitando a proporcionalidade e a representatividade das UP e US. Dentre as 42 escolas, sortearam-se 10, de forma aleatória e proporcional ao número total, de acordo com o porte: pequeno (120 a 500 alunos) – 11,9%; médio (501 a 1400 alunos) – 31%; grande (1401 a 2500 alunos) – 40,5%; e especiais – 16,7%. Os adolescentes foram divididos em duas faixas, considerando adolescência intermediária (14 a 16 anos) e tardia (17 a 19 anos). As amostras de alunos e professores foram calculadas com base na fórmula de amostragem aleatória simples, assumindo-se proporção de 0,5% como referência das características pesquisadas na população, com nível de confiança de 95% ($z = 1,96$) e grau de precisão absoluta de 0,05. O cálculo resultou em 435 alunos e 105 professores. Para compensar perdas, as amostras foram ampliadas mediante efeito desenho.

Os dados foram coletados por meio da aplicação de dois questionários (alunos e professores) autoaplicáveis, sigilosos, elaborados com base em instrumentos validados em

outros estudos e adaptados aos objetivos e população alvo, previamente testados em escolas com características semelhantes e que não participaram da pesquisa.^{11,12} Os questionários foram estruturados em partes, redigidos de forma simples e objetiva: dados sociodemográficos, formação técnica sobre a temática da violência sexual, descrição de pelo menos um caso sobre criança ou adolescente vítima da violência sexual.

Foram calculadas frequências simples e relativas das variáveis, sendo os alunos distribuídos em grupos por sexo e faixa etária (14-16 e 17-19), enquanto os professores, por tempo de experiência docente (<15 anos e ≥ 15 anos de docência). A análise descritiva apresenta dados relacionados às características da violência, das vítimas e dos agressores, de acordo com dados demográficos de alunos e professores supracitados, os quais foram agrupados: variáveis relacionadas à violência (local da ocorrência, denúncia do caso, sujeito da denúncia, tipo de violência sexual, tipo de violência física associada); variáveis relacionadas às vítimas (conhecer um caso, divulgação, idade da vítima); variáveis relacionadas ao agressor (identidade/vínculo com vítima, estado mental, tipo de intimidação). O banco de dados foi estruturado pelos programas SPSS 13.0 for Windows e STATA 7.0 do NNEPA\DSAU\UEFS. A coleta foi realizada após autorização dos pais ou responsáveis pelos alunos menores e consentimento livre esclarecido dos maiores de 18 anos, com apoio da direção das escolas envolvidas, segundo Resolução N° 196/96 do Conselho Nacional de Saúde.

Este projeto foi aprovado pelo CEP/UEFS, Protocolo N° 004/2005 (CAAE 0006.0.059.000-05).

RESULTADOS

Do total de 833 alunos e 100 professores, responderam adequadamente ao questionário 732 alunos, de 14 a 19 anos, de ambos os sexos, matriculados na rede de escolas públicas, e 88 professores (ambos os sexos) atuantes nessa rede, correspondendo a 12% de perdas em ambos os segmentos.

De acordo com o perfil sociodemográfico de alunos (**Tabela 1**), mais de 60% eram do sexo feminino, tinham ensino médio incompleto, coabitavam com pai e mãe e 70,8% relataram ter bom relacionamento com a família. Os resultados dos professores (**Tabela 2**) apontaram que 50% tinham menos de 40 anos e até 15 anos de experiência docente, mais de 80% eram do sexo feminino e 63 (71,6%) possuíam pós-graduação.

Tabela 1. Dados sociodemográficos de alunos de Escolas Públicas de ambos os sexos, de 14 a 19 anos – Feira de Santana (BA) – 2006

Variáveis	n	%
Faixa etária ¹		
14-16 anos	318	43,4
17-19 anos	414	56,6
Total	732	100,0
Sexo ²		
Masculino	278	38,0
Feminino	454	62,0
Total	732	100,0
Escolaridade ³		
5ª a 8ª Série	276	37,7
2º Grau incompleto	456	62,3
Total	732	100,0
Coabitação ⁴		
Pai + Mãe	438	60,4
Mãe	188	25,9
Outros familiares ^a	70	9,7
Pai	29	4,0
Total	725	100,0
Convivência Familiar*		
Bom relacionamento com os pais	610	70,8
Alcoolismo na família	57	6,6
Medo dos pais ^b	35	4,1
Brigas com os pais	34	3,9
Brigas com os irmãos	121	14,1
Sofre maus tratos dos pais	4	0,5
Total	861	100,0

¹ Dados perdidos: 50

² Dados perdidos: 50

³ Dados perdidos: 50

⁴ Dados perdidos: 57

^a Avós, outros familiares, outra família

^b Medo do pai, Medo da mãe

* Respostas Múltiplas

Tabela 2. Dados sociodemográficos de professores do ensino fundamental e médio de Escolas Públicas – Feira de Santana (BA) – 2006

Variáveis	n	%
Faixa etária		
< 40 anos	44	50,0
≥ 40 anos	44	50,0
Total	88	100,0
Sexo ¹		
Masculino	15	17,2
Feminino	72	82,8
Total	87	100,0
Escolaridade		
2º grau Completo	4	4,5
3º Grau Incompleto	3	3,4
3º Grau Completo	18	20,5
Pós-Graduação	63	71,6
Total	88	100,0
Tempo de serviço		
≥ 15 anos	44	50,0
> 15 anos	44	50,0
Total	88	100,0

¹Dados perdidos: 1

Conforme dados da vitimização de criança ou adolescente, verificou-se que 185 (25%) citaram algum caso. Na **Tabela 3**, que descreve características da violência sexual, segundo sexo dos alunos, pode-se verificar que as alunas foram responsáveis por 71,4% das citações, com proporções semelhantes em ambos os sexos; cerca de 50% do total de alunos descreveram ser a vítima um adolescente, na faixa de 12 a 16 anos, com mais de 75% dos casos divulgados. Mesmo considerando o maior número de casos descritos pelas alunas (132), as proporções citadas por ambos os sexos apontaram: maior proporção das ocorrências no domicílio e local da comunidade; maioria dos casos denunciados e frequência considerável da ausência de denúncia; principais denunciantes sendo as mães das vítimas; estupro e pedofilia foram relatados como violências mais frequentes; a maioria não sabia informar sobre violência física associada, embora cerca de 20% tenham relatado espancamento; o pai foi identificado como perpetrador em mais de 50% dos casos, além dos desconhecidos, ressaltando-se a

presença de mais de um agressor por vítima, para alguns casos; a força física como principal intimidação além do uso de armas e ameaça verbal.

Tabela 3. Características de vitimização sexual de crianças e adolescentes de Escolas Públicas, segundo descrição de casos por alunos de ambos os sexos – Feira de Santana (BA) – 2006

(continua)

Vítima	Sexo			
	Feminino		Masculino	
	n	%	n	%
Conhece caso de vitimização	132	100,0	53	100,0
Divulgação dos Casos*				
Sim	89	78,8	32	80,0
Não sabem	24	21,2	8	20,0
Total	113	100,0	40	100,0
Faixa etária Vítima*				
≤ 11 anos	47	39,2	14	31,1
12 – 16 anos	66	55,0	28	62,2
17 – 19 anos	7	5,8	3	6,7
Total	120	100,0	45	100,0
Violência				
Local da Violência*				
Casa	47	29,4	12	19,4
Local na comunidade	44	27,5	18	29,0
Casa de vizinho	15	9,4	6	9,7
Festas	21	13,0	9	14,5
Não Sabem ¹	148,8		7	11,3
Outros ¹	19	11,9	10	16,1
Total	160	100,0	62	100,0
Denúncia dos casos*				
Sim	60	44,4	16	30,8
Não	36	26,7	17	32,7
Não sabem	39	28,9	19	36,5
Total	135	100,0	52	100,0
Sujeito da Denúncia*				
Mãe	34	37,4	7	29,2
Vítima	15	16,5	6	25,0
Pai	13	14,3	5	20,8
Não Sabem	6	6,5	-	-
Outros ²	23	25,3	6	25,0
Total	91	100,0	24	100,0

Tabela 3. Características de vitimização sexual de crianças e adolescentes de Escolas Públicas, segundo descrição de casos por alunos de ambos os sexos – Feira de Santana (BA) – 2006

(Conclusão)

Vítima	Sexo			
	Feminino		Masculino	
	n	%	n	%
Tipo de Violência Sexual*				
Estupro	93	53,8	25	33,8
Pedofilia	30	17,3	19	25,7
Não Sabem	10	5,8	5	6,8
Outros ³	15	8,7	9	12,2
Total	173	100,0	74	100,0
Viol. Física associada*				
Espancamento	31	21,1	14	25,9
Não Ocorreu	25	17,0	16	29,6
Não Sabem	70	47,6	18	33,3
Outros ⁴	21	14,3	6	11,2
Total	147	100,0	54	100,0
Agressor				
Identidade do Agressor*				
Pai	197	55,8	67	52,3
Desconhecido	54	15,3	22	17,2
Vizinho	30	8,5	7	5,5
Padrasto	28	7,9	10	7,8
Não Sabem	4	1,2	3	2,4
Outros ⁵	40	11,3	19	14,8
Total	353	100,0	128	100,0
Estado Mental*				
Normal	55	37,9	14	27,0
Alcoolizado/Drogado	42	29,0	19	36,5
Não sabem	48	33,1	19	36,5
Total	145	100,0	52	100,0
Tipo de Intimidação*				
Força Física	59	37,1	17	31,5
Ameaça Verbal	25	15,7	8	14,8
Arma de Fogo/Arma Branca	23	14,5	8	14,8
Não Sabem	31	19,5	13	24,1
Outros ⁶	21	13,2	8	14,8
Total	159	100,0	54	100,0

* Múltiplas respostas

1. escola, casa de parentes, prostíbulo e outros; 2. avós, parentes, amigos, profissionais de saúde, vizinhos, irmãos, conselho tutelar e outros; 3. incesto, exibicionismo e outros; 4. cortes, queimaduras e outros; 5. irmão, parente, colega, mãe, namorado e outros; 6. não ameaçou e outros.

Segundo a divisão de alunos por faixa etária (**Tabela 4**) foi verificado que 59,4% da faixa de 17 a 19 anos descreveram algum caso; mais de 60% foram divulgados; quase 51,0% das vítimas estavam na faixa de 12 a 16 anos e perto de 32% na faixa ≤ 11 anos. As citações dos alunos de ambos os grupos etários mostraram: a maioria das ocorrências em local da comunidade e domicílio; a maior parte dos casos denunciados e alta proporção da ausência de denúncia; a mãe identificada como principal denunciante, além da própria vítima; o estupro, como o tipo de violência mais frequente, além da pedofilia; a falta de conhecimento sobre a violência física associada, embora com citação de espancamento; o pai como perpetrador em mais de 50% dos casos; cerca de 30% dos agressores com estado mental normal e/ou usando drogas/álcool; a força física como intimidação mais frequente, além da ameaça verbal e uso de armas.

Tabela 4. Características de vitimização sexual de crianças e adolescentes de Escolas Públicas, segundo descrição de casos por alunos da faixa de 14 a 19 anos – Feira de Santana (BA) – 2006

(Continua)

Vítima	Faixa-Etária			
	14-16 anos		17-19 anos	
	n	%	n	%
Conhece Caso de vitimização	75	100,0	110	100,0
Divulgação dos Casos*				
Sim	45	61,6	76	70,4
Não	16	21,9	12	11,1
Não sabem	12	16,5	20	18,5
Total	73	100,0	108	100,0
Faixa etária da vítima*				
≤ 11 anos	20	30,3	41	41,4
12 – 16 anos	42	63,6	52	52,5
17 – 19 anos	4	6,1	6	6,1
Total	66	100,0	99	100,0
Violência				
Local da Violência*				
Casa	21	22,8	38	29,2
Local da Comunidade	30	32,6	32	24,6
Casa de Vizinho	8	8,7	13	10,0
Festas	15	16,3	15	11,5
Não Sabem	10	10,9	11	8,5
Outros ¹	8	8,7	21	16,2
Total	92	100,0	130	100,0

Tabela 4. Características de vitimização sexual de crianças e adolescentes de Escolas Públicas, segundo descrição de casos por alunos da faixa de 14 a 19 anos – Feira de Santana (BA) – 2006

(Continuação)

Vítima	Faixa-Etária			
	14-16 anos		17-19 anos	
	n	%	n	%
Denúncia dos casos*				
Sim	28	36,8	48	43,2
Não	20	26,4	33	29,7
Não sabem	28	36,8	30	27,1
Total	76	100,0	111	100,0
Sujeito da Denúncia*				
Mãe	18	47,4	23	29,9
Vítima	9	23,7	12	15,5
Pai	4	10,5	14	18,2
Não sabem	1	2,6	5	6,5
Outros ²	6	15,8	23	29,9
Total	38	100,0	77	100,0
Tipo de Violência Sexual*				
Estupro	49	47,7	69	47,9
Pedofilia	16	15,5	33	22,9
Pornografia	9	8,7	15	10,4
Turismo/ Tráfico Sexual	9	8,7	8	5,6
Não Sabem	7	6,8	8	5,6
Outros ³	13	12,6	11	7,6
Total	103	100,0	144	100,0
Viol. Física associada*				
Espancamento	17	21,8	28	22,8
Não Ocorreu	13	16,7	28	22,8
Não sabem	36	46,1	52	42,3
Outros ⁴	12	15,4	15	12,1
Total	78	100,0	123	100,0
Agressor				
Identidade do Agressor*				
Pai	97	53,0	167	56,0
Desconhecido	39	21,3	37	12,4
Vizinho	8	4,4	29	9,7
Padrasto	13	7,1	25	8,5

Tabela 4. Características de vitimização sexual de crianças e adolescentes de Escolas Públicas, segundo descrição de casos por alunos da faixa de 14 a 19 anos – Feira de Santana (BA) – 2006

(Conclusão)

Vítima	Faixa-Etária			
	14-16 anos		17-19 anos	
	n	%	n	%
Outros ⁵	24	13,1	35	11,7
Total	183	100,0	298	100,0
Estado mental *				
Normal	25	31,3	44	37,6
Alcoolizado/ Drogado	25	31,3	36	30,8
Não sabem	30	37,4	37	31,6
Total	80	100,0	117	100,0
Tipo de Intimidação*				
Força Física	30	36,0	46	35,4
Ameaça Verbal	14	16,9	19	14,6
Arma de Fogo/Arma Branca	14	16,9	17	13,1
Não sabem	14	16,9	30	23,1
Outros ⁶	11	13,3	18	13,8
Total	83	100,0	130	100,0

* Múltiplas respostas

1. escola, casa de parentes, prostíbulo e outros; 2. avós, parentes, amigos, profissionais de saúde, vizinhos, irmãos, Conselho Tutelar e outros; 3. incesto, exibicionismo e outros; 4. cortes, queimaduras e outros; 5. irmão, parente, colega, mãe, namorado e outros; 6. não ameaçou e outros.

Quanto aos professores (**Tabela 5**), os resultados mostraram que 21 (23,8%) descreveram alguma ocorrência, sendo a maioria citada pelo grupo de professores com menos de 15 anos de experiência docente. Segundo esses, a totalidade dos casos foi divulgada, a maioria denunciada pela mãe e pela própria vítima, o estupro e o incesto foram os tipos mais frequentes. O perpetrador mais apontado por ambos os grupos de professores foi o pai, cabendo assinalar a presença de mais de um agressor em alguns casos. A intimidação verbal utilizada pelo agressor foi referida principalmente pelos professores com maior tempo de docência, enquanto aqueles com menos tempo de ensino citaram proporções semelhantes da ameaça verbal, uso de armas e da força física.

Tabela 5. Características de vitimização sexual de crianças e adolescentes de Escolas Públicas (aspectos da violência, vítimas e agressores), segundo descrição de professores – Feira de Santana (BA) – 2006

(Continua)

Vítima	Tempo de Serviço			
	≥ 15 anos		< 15 anos	
	n	%	n	%
Conhece caso de vitimização	8	100,0	13	100,0
Divulgação dos Casos				
Sim	8	100,0	11	84,6
Não sabem	-	-	2	15,4
Total	8	100,0	13	100,0
Violência				
Local da Violência*				
Casa	7	70,0	7	30,4
Local na comunidade	-	-	7	30,4
Casa de vizinho	-	-	1	4,4
Festas	1	10,0	1	4,4
Não Sabem	1	10,0	7	30,4
Outros ¹	1	10,0	-	-
Total	10	100,0	23	100,0
Denúncia dos casos¹				
Sim	6	66,7	6	66,7
Não	1	11,1	3	33,3
Não sabem	2	22,2	-	-
Total	9	100,0	9	100,0
Sujeito da Denúncia*				
Mãe	2	20,0	3	20,0
Vítima	2	20,0	3	20,0
Pai	1	10,0	2	13,3
Não Sabem	1	10,0	-	-
Outros ²	4	40,0	7	46,7
Total	10	100,0	15	100,0
Tipo de Violência Sexual*				
Estupro	5	55,6	7	29,2
Pedofilia	-	-	3	12,5
Pornografia	-	-	3	12,5
Turismo/ Tráfico Sexual	-	-	3	12,5
Outros ³	4	44,4	8	33,3

Tabela 5. Características de vitimização sexual de crianças e adolescentes de Escolas Públicas (aspectos da violência, vítimas e agressores), segundo descrição de professores – Feira de Santana (BA) – 2006

(Conclusão)

Vítima	Tempo de Serviço			
	≥ 15 anos		< 15 anos	
	n	%	n	%
Viol.Física associada*				
Espancamento	2	11,1	3	11,1
Não Ocorreu	4	22,2	7	26,0
Não Sabem	4	22,2	2	7,4
Outros ⁴	8	44,5	15	55,5
Total	18	100,0	27	100,0
Agressor				
Identidade do Agressor*				
Pai	27	73,0	33	66,0
Padrasto	2	5,4	-	-
Desconhecido	1	2,7	4	8,0
Não Sabem	1	2,7	1	2,0
Outros ⁵	6	16,2	12	24,0
Total	37	100,0	50	100,0
Estado Mental*				
Normal	2	22,2	4	23,5
Alcoolizado/Drogado	1	11,1	8	47,1
Não sabem	6	66,7	5	29,4
Total	9	100,0	17	100,0
Tipo de Intimidação*				
Ameaça Verbal	4	40,0	6	27,3
Arma de Fogo/Arma Branca	-	-	6	27,3
Força Física	2	20,0	6	27,3
Não Sabem	2	20,0	4	18,1
Outros ⁶	2	20,0	-	-
Total	10	100,0	22	100,0

Dados perdidos: 3

* Múltiplas respostas

1 Escola, cas de parentes, prostíbulos e outros

2 Avós, parentes, amigos, escola, profissionais de saúde, vizinhos, não houve denúncia

3 Incesto, exibicionismo

4 Cortes, queimaduras, outros

5 Mãe, irmão, parente, vizinho, colega

6 Não houve ameaça, outros

DISCUSSÃO

Os resultados desta pesquisa, cujos alunos de ambos os sexos e faixas etárias descreveram mais de 50% de vitimização na adolescência inicial e intermediária e alta proporção de casos na infância, corroboram achados de inquéritos realizados com adolescentes, assim como estudos com Instituições de referência para denúncia, nas quais a infância e a adolescência destacam-se como principais alvos da vitimização sexual. É consenso entre estudiosos que os altos índices de subnotificação deste tipo de violência compromete a qualidade dos registros das Instâncias, assim como das informações primárias obtidas com inquéritos, considerando o cenário deste fenômeno que envolve o ciclo familiar e pessoas conhecidas na comunidade.^{1,9,13-15} Estudo realizado nas escolas dos municípios de Martin Porres, Cusco e Iquitos (Peru), com adolescentes de 12 a 17 anos de ambos os sexos verificou que 79,7% conheciam algum caso de violência sexual, a maioria (83,7%) foi citada pelas alunas adolescentes, sendo a própria vitimização relatada por 23,6% dessas e 20,5% dos alunos.¹⁴ Ainda com relação a esses municípios peruanos, foram identificadas nas escolas e famílias entrevistadas 10,3% de vitimização sexual na infância, duas vezes mais frequente no sexo feminino (13,4%) comparado ao masculino (7,1%).

No Brasil, inquéritos realizados com alunos adolescentes confirmam a tendência de o fenômeno atingir adolescentes nas faixas mais jovens e crianças maiores (6 a 11 anos). Estudo realizado na rede de escolas públicas de Porto Alegre mostrou que 27,9% dos alunos conheciam algum caso de jovem violentado, com maior frequência de vitimização no sexo feminino e faixas da adolescência inicial e intermediária (12 a 16 anos).¹³ Da mesma forma, pesquisas realizadas com dados de instâncias de referência para denúncias, em municípios de distintas regiões (sul, nordeste e sudeste), também observaram resultados semelhantes.^{9,16,17}

A violência sexual parece estar relacionada a questões de gênero, acometendo, principalmente, o feminino, sendo mais prevalente na adolescência, muito embora presente em todas as faixas etárias, transcendendo culturas e classes sociais.^{1,18,19} No estudo de Feira de Santana, as alunas adolescentes descreveram maior proporção de vítimas na adolescência, assim como na infância, o que pode estar sugerindo aproximação feminina com o fenômeno. Da mesma forma ocorreu com a maioria absoluta dos professores, que eram do sexo feminino e com menos de 15 anos de experiência de serviço, os quais citaram maior proporção de casos.

Esses resultados estão em consonância com a literatura, que tem discutido as questões de gênero na produção da violência social, interpessoal e familiar. No caso de crianças e adolescentes, destaca-se que a violência envolve coação e/ou sedução, dominação do mais velho sobre o mais novo e do masculino sobre o feminino, manifestando-se nas diversas formas de violência e podendo estar associada com violência física. Nesse contexto, a violência sexual

de adultos contra crianças cursa com autoritarismo, machismo e preconceitos, cujas questões de poder manifestam-se nas relações afetivas e na sexualidade, conforme condições de vida das famílias.^{1,20} Cabe ressaltar que, no presente estudo, a maioria de alunos e professores não sabia a respeito da associação entre violência física com vitimização sexual; cerca de 20% dos alunos e 10% dos professores citaram espancamento, entretanto a maioria dos alunos de ambos os sexos e faixas etárias relataram intimidação pelo uso da força física, enquanto professores citaram principalmente a ameaça verbal.

No estudo de Feira de Santana foi verificado que adolescentes com mais maturidade (17 a 19 anos) descreveram maior número de casos, com mais de 50% de vítimas adolescentes (adolescência inicial e intermediária – 12 a 16 anos) e cerca de 40% de crianças, da mesma forma que citaram maior proporção de ocorrências no domicílio, enquanto o grupo mais jovem citou quase 63% da vitimização na adolescência, dados esses que corroboram a literatura, que evidencia resultados semelhantes e coloca o grupo de jovens com maior idade cronológica, maturidade física e psicossocial em posição mais confortável para descrever a vitimização, considerando que não fazem parte do grupo mais vulnerável para essa violência.^{9,16,17}

No que diz respeito ao tipo de violência e ao local de ocorrência, cabe assinalar que, para a maioria dos professores e alunos da faixa mais adulta (17 a 19 anos) e do sexo feminino, mais de 50% dos casos foram por estupro e a maior frequência desses ocorreu no domicílio, caracterizando a violência sexual doméstica. Esses resultados concordam com achados de diferentes estudos realizados em municípios e regiões do Brasil. No Ceará, pesquisa realizada em 22 municípios, constatou maior frequência da violência sexual na faixa etária de 10 a 14 anos, destacando casos em menores de oito anos, sendo o domicílio da vítima o local de maior ocorrência.¹⁶ Em Porto Alegre (RS), mapeamento dos casos registrados no Ministério Público, no período 1992 a 1998, apontou predominância de casos entre adolescentes do sexo feminino, com ocorrência no domicílio da vítima.¹⁷ Em Feira de Santana (BA), estudo sobre prevalência das violências registradas pelos Conselhos Tutelares, no período 2003-2004 mostrou que o domicílio foi local privilegiado para ocorrências, com registro em todas as faixas etárias e maiores prevalência de 10 a 16 anos e de 6 a 9 anos.⁹

Os achados do presente estudo, no qual os alunos de ambos os sexos e faixas etárias estudadas referiram o pai como principal perpetrador, corroboram pesquisas que mostram a violência sexual tendo como agressores membros da família (pai, padrasto, irmãos, parentes), além de vizinhos, amigos, pessoas que participam das relações familiares das vítimas.^{1,14,15} Esta característica do fenômeno parece ser um dos principais fatores de risco, considerando a situação de vulnerabilidade em que se encontram crianças e adolescentes, indivíduos em

fase de desenvolvimento, marcado por mudanças biológicas e psicossociais, sendo evidente a dependência das figuras parentais e adultos que compartilham do convívio social, os quais representam modelos de identificação e de proteção.^{21,22}

A literatura é consensual quanto à complexidade do fenômeno da violência sexual, considerando o ciclo de relações interpessoais estabelecido entre vítima e agressor e nos aspectos que envolvem a denúncia e o rompimento do ciclo de vitimização.^{7,16,23} A violência intradomiciliar, costuma estar relacionada a uma dinâmica familiar complexa, em que os agressores são parentes ou pessoas próximas do convívio social das vítimas, vinculando a ação entre sedução e ameaça. Em geral, a vítima encontra-se traumatizada pelo medo, vergonha e terror, evitando falar do assunto, mas sofrendo de distúrbios psicossomáticos e outras patologias, como depressão, anorexia, dificuldade e evasão escolar, fobias, tentativas de suicídio, uso de drogas, entre outras manifestações ligadas ao trauma. Esses fatores interferem na notificação, causando dificuldades operacionais para o levantamento de indicadores nos diversos contextos sociais e culturais.²⁴

De modo diverso, a violência sexual do tipo exploração ocorre fora do domicílio, cujos agressores são pessoas conhecidas da comunidade ou desconhecidos, mais frequente nos contextos dos países em desenvolvimento e grupos populacionais mais carentes, conforme mostram pesquisas do tráfico para fins de exploração sexual.^{25,26} Em Feira de Santana, estudo com dados dos Conselhos Tutelares e Programa Sentinela mostrou alta prevalência de agressores fora do ambiente familiar, muito embora a soma dos perpetradores no âmbito da família (pai, padrasto, tio, avô, irmãos), superou as proporções dos outros agressores.⁹ Ainda sobre este estudo, as proporções de exploração sexual e abuso sugeriram subnotificação, considerando que a Pesquisa sobre Tráfico de Mulheres, Crianças e Adolescentes para fins de Exploração Sexual Comercial (PESTRAF)²⁵ apontou Feira de Santana como município de risco para vitimização sexual de crianças e adolescentes, por estar inserido em importante entroncamento rodoviário que interliga as regiões norte-nordeste e sudeste do país, à semelhança de municípios de fronteira, como Corumbá, Manaus, Pacaraima, entre outros apontados pela PESTRAF. Corroborando resultados desses estudos, a presente pesquisa apontou que os alunos adolescentes das escolas públicas de Feira de Santana relataram proporções consideráveis de agressores desconhecidos e vitimização sexual na comunidade com altas proporções de estupro, além da pedofilia e pornografia.

Na atual pesquisa, alguns achados merecem cautela na interpretação, como, por exemplo, as ocorrências no domicílio ou na comunidade, tendo como principais agressores o pai, desconhecido, vizinho ou padrasto, assim como alguns casos tendo mais de um agressor envolvido. Esses resultados podem sugerir que diferentes tipos de violência sexual (doméstica ou na comunidade) estão presentes no mesmo contexto social e familiar, assim como a dificuldade

em relatar a identidade do(s) agressor(es), mesmo quando o agente da denúncia é uma pessoa da comunidade, considerando a abrangência do fenômeno quanto aos aspectos cultural, familiar e interpessoal.

Pesquisas realizadas em outros contextos e regiões do Brasil demonstram maior prevalência de agressor conhecido nos casos dos menores de 12 anos; o perpetrador desconhecido ou pessoas da comunidade assumem maior frequência na adolescência inicial e intermediária, dada a incidência de estupros e crimes que ocorrem frequentemente em algum local da comunidade. Estudo com casos de violência sexual atendidos pelo Serviço de Atenção à Violência Sexual (Viver) em Salvador observou alta frequência de violência intrafamiliar, além de pessoas identificadas na comunidade, sendo a maioria absoluta dos agressores conhecidos da vítima.²³ Achados dos Conselhos Tutelares de Feira de Santana de 2003-2004 mostraram que, além dos familiares, pessoas identificadas na comunidade foram agressores frequentes, principalmente na faixa da adolescência.⁹

No que diz respeito ao enfrentamento da violência sexual infanto-juvenil, os desafios são múltiplos, tanto na identificação e notificação de casos pelo serviço quanto na viabilização da coleta de dados para pesquisa. Entre as dificuldades relacionadas aos subregistros nas Instâncias destacam-se problemas voltados à eficiência do sistema de referência e contrarreferência e formação de recursos humanos nesta área, os quais comprometem a qualidade da informação. Por outro lado, no que se refere à realização de inquéritos epidemiológicos com adolescentes nas escolas ou comunidade, as dificuldades são múltiplas, cabendo destacar os aspectos éticos e sigilosos relacionados aos indivíduos mais jovens, cuja condição peculiar (imaturidade, vulnerabilidade) requer prévia autorização dos pais ou responsáveis para efetivação da abordagem (Consentimento Livre e Esclarecido).^{27,28}

Com base na realidade apresentada pelos estudos e considerando as múltiplas dificuldades operacionais para notificação da violência sexual, o governo federal, junto às instâncias do Sistema de Atendimento e Garantias de Direitos, no âmbito estadual e municipal, tem investido na implementação da “Rede de Denúncias”, com destaque para o “Sistema do Disque Denúncia – Disque 100”. Esta estratégia interliga uma Rede Nacional de Instâncias e representa a oportunidade efetiva de participação popular no enfrentamento da violência infanto-juvenil, considerando que garante o sigilo da denúncia, não exige burocracia e aciona essa “Rede” no encaminhamento dos casos de vitimização.

Cabe destacar a importância do envolvimento da escola nas estratégias de enfrentamento da violência intra e extradomiciliar. A escola destaca-se como espaço de formação, socialização e integração adequado à prevenção e intervenção, tanto na esfera social, como

interpessoal, considerando a pluralidade de apresentação do fenômeno.^{29,30} A sensibilização de alunos e professores possibilita à escola contribuir para o processo de identificação de vítimas, cujos comportamentos agressivos ou deprimidos concorrem para *déficits* cognitivos, de linguagem, memória e rendimento escolar. As articulações didático-pedagógicas da escola com a família e diferentes segmentos sociais podem favorecer a elaboração coletiva de propostas e ações voltadas às garantias de direitos e proteção desse grupo populacional.^{23,30}

Para finalizar a discussão dos resultados, cabe destacar que, neste estudo, as frequências sobre vitimização sexual referem-se a algum caso conhecido e descrito pelos alunos e professores que participaram do estudo, não se tratando da frequência de casos de violência sexual registrados nas instâncias de garantias de direitos do município (Conselhos Tutelares e Centro de Referência Sentinela), cujos dados encontram-se sumarizados em outra pesquisa.⁹

Diante do exposto, pôde-se concluir que 1/4 dos alunos e professores que participaram da pesquisa conheciam e descreveram algum caso de vitimização sexual, com maior número de casos citados pelos alunos do sexo feminino, da faixa de 17 a 19 anos e professores com menos de 15 anos de experiência docente; a maior parte dos alunos e professores descreveu casos de violência sexual do tipo estupro; a maioria dos casos foram divulgados e ocorreram no domicílio ou em local da comunidade; foram perpetrados pelo pai ou desconhecidos, utilizando intimidação pela força física, ameaça verbal e armas; a maior parte foi denunciada pela mãe ou pela própria vítima que, em mais de 50%, encontrava-se na faixa de 12 a 16 anos; alunos do sexo masculino na faixa de 17 a 19 anos citaram mais de 20% de casos de pedofilia; assim como o sexo feminino desta mesma faixa de idade relatou cerca de 40% de casos na infância.

A escola é reconhecida como espaço de formação e socialização, sendo referência no fortalecimento de valores éticos, morais, sociais e culturais fundamentais para a construção da cidadania. O compromisso pedagógico e de formação da escola aponta a responsabilidade compartilhada desse setor no enfrentamento de problemas graves que comprometem a segurança, a saúde e a qualidade de vida de crianças e adolescentes.

REFERÊNCIAS

1. Ribeiro MA, Ferriani MGC, Reis JN. Violência sexual contra crianças e adolescentes: características relativas à vitimização nas relações familiares. *Cad. Saúde Públ.* 2004;20(2):456-64.
2. Minayo MCS. Violência: um velho-novo desafio para a atenção à saúde. *Rev. bras. Atenção Méd.* 2005;29(1):55-63.
3. Schraiber LB, D'Oliveira APL, Couto MT. Violência e saúde: estudos científicos recentes. *Rev. Saúde Públ.* 2006; 40:112-20.

4. Deslandes SF. Atenção a crianças e adolescentes vítimas de violência doméstica: análise de um serviço. *Cad. Saúde Públ.* 1994;10:177-87.
5. Faleiros VP (Coord.). Fundamentos e políticas contra exploração e abuso sexual de crianças e adolescentes. Brasília: Ministério da Justiça/CECRIA; 1997.
6. Landini TS. Horror, honra e direitos: violência sexual contra crianças e adolescentes no século XX. [Tese]. São Paulo: Universidade de São Paulo; 2005.
7. Pfeiffer L, Salvagni EP. Visão atual do abuso sexual na infância e adolescência. *J. Pediatr.* 2005; 81(5):197-204.
8. Amorim SMF, Contini MLJ, Meza ER. Avaliação do processo de implantação do PAIR. Campo Grande: UFMS; 2008.
9. Costa MCO, Carvalho RC; Santa Bárbara JFR, Santos CAST, Gomes WA, Sousa HL. O perfil da violência contra crianças e adolescentes, segundo registros de Conselhos Tutelares: vítimas, agressores e manifestações de violência. *Rev. Ci. Saúde Col.* 2007;12(5):1129-41.
10. Brasil. Ministério da Educação. Secretaria Especial dos Direitos Humanos. Guia Escolar: métodos para identificação de sinais de abuso e exploração sexual de crianças e adolescentes. 2ª ed. Brasília; 2004.
11. Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas. Departamento de Psicobiologia da Universidade Federal de São Paulo. Questionário aplicado no IV levantamento sobre o uso de drogas entre estudantes de 1º e 2º graus em dez capitais brasileiras. São Paulo: CEBRID/UNIFESP; 1997.
12. Alves MVQM. Consumo de álcool, tabaco e outras substâncias psicoativas (SPA) entre adolescentes escolares de Feira de Santana, Bahia. [Dissertação]. Feira de Santana (BA): Universidade Estadual de Feira de Santana; 2004.
13. Polanczyk GV, Zavaschi ML, Benetti S, Zenker R, Gammerman PW. Violência sexual e sua prevalência em adolescentes de Porto Alegre, Brasil. *Rev. Saúde Públ.* 2003;37(1):8-14.
14. Bardales MO, Huallpa AE. Maltrato y abuso sexual em niñas, niños y adolescentes. Ministerio de la Mujer y Desarrollo Social MIMDES; 2005.
15. Aded NLO, Dalcin BLGS, Moraes TM, Cavalcanti MT. Abuso sexual em crianças e adolescentes: revisão de 100 anos de literatura. *Rev. Psiq. Clín.* 2006; 33(4): 204-13.
16. Ellery CM (Coord.). Pesquisa sobre abuso sexual de crianças e adolescentes no Estado do Ceará. Fortaleza: UECE/POMMAR/USAID; 2004.
17. Habigzang LF, Azevedo GA, Koller SH, Machado PX. Fatores de risco e de proteção na rede de atendimento a crianças e adolescentes vítimas de violência sexual. *Psicol. Reflex. Crít.* 2006;19(3):379-86.

18. Claramunt MC. Abuso sexual en mujeres adolescentes. Programa Mujer, Salud y Desarrollo. São José (Costa Rica): Organización Panamericana de Saúde/OMS; 2000.
19. Faúndes A, Rosas CF, Bedone AJ, Orozco LT. Violência sexual: procedimentos indicados e seus resultados no atendimento de urgência de mulheres vítimas de estupro. Rev. bras. Ginecol. Obstet. 2006;28(2):126-35.
20. Faleiros ETS. Repensando os conceitos de violência, abuso e exploração sexual de crianças e de adolescentes. Brasília: Thesaurus; 2000.
21. Morales AE, Schramm F. A moralidade do abuso sexual intrafamiliar em menores. Rev Ci. Saúde Col. 2002;7(2):265-73.
22. Assis SG, Avanci JQ, Santos NC, Malaquias JV, Oliveira RVC. Violência e representação social na adolescência no Brasil. Rev. Panam Salud Publ 2004;16(1):43-51.
23. Inoue SRV, Ristum M. Violência sexual: caracterização e análise de casos revelados na escola. Estudos de Psicol. 2008;25(1):11-21.
24. Organização Mundial da Saúde (OMS). Relatório Mundial sobre Violência e Saúde. Genebra: 2002.
25. Leal MLP, Leal MFP. Pesquisa sobre tráfico de mulheres, crianças e adolescentes para fins de exploração sexual comercial – PESTRAF: Relatório Nacional – Brasil. Brasília: CECRIA; 2002.
26. Sprandel MA (Coord.). Situação das crianças e adolescentes na tríplice fronteira entre Argentina, Brasil e Paraguai: desafios e recomendações. Curitiba: Itaipu Binacional; 2005.
27. Costa MCO, Bigras M. Mecanismos pessoais e coletivos de proteção e promoção da qualidade de vida para a infância e adolescência. Ci. Saúde Col. 2007;12(5):1101-9.
28. Neiva-Silva L, Lisboa C, Koller SH. Bioética na pesquisa com crianças e adolescentes em situação de risco: dilemas sobre o consentimento e a confidencialidade. J. bras. Doenças Sexualm. Transm. 2006;17(3):201-206.
29. Almeida SFC, Santos MCAB, Rossi TMF. Representações sociais de professores do ensino fundamental sobre violência intrafamiliar. Psicol.: Teoria Pesq. 2006;22(3):277-86.
30. Brino RF, Williams LCA. Concepções da professora acerca do abuso sexual infantil. Cad. Pesq. 2003;119:113-28.

Recebido em 14.10.2009 e aprovado em 27.7.2010.